

## DERRUBADA

**Q**UANDO de viagem para o interior de Minas, São Paulo ou Bahia, pode-se observar do avião grandes claros na floresta, nem sempre ocupados por culturas ou agrupamentos humanos. Facilmente percebidos, devido à coloração mais atenuada da vegetação secundária, foram causados pela mão do homem mediante derrubada da mata. A ela se deve o grande recuo da floresta para o interior, sendo esta apenas poupada nas vertentes mais íngremes e inacessíveis.

Progressivamente as matas foram sendo substituídas por culturas; os solos foram se esgotando devido ao sistema agrícola primitivo. Assim despojado do seu revestimento natural e de tôdas as suas riquezas, o solo se tornou imprestável e hoje suporta uma vegetação de gramíneas pobres ou capoeiras nas partes mais favorecidas.

Dêste modo o homem nas regiões florestais lança mão da derrubada a fim de abrir espaço para as suas diversas atividades. Devastam-se primeiro arbustos e lianas, elementos de pequeno porte, dando-se a isso o nome de roçada. Segue-se o corte das grandes árvores — a derrubada propriamente dita. Ponto de partida para a ocupação humana em zonas florestais, imprescindível para as culturas como para a criação. É a forma pela qual podem ser exploradas as riquezas da floresta, tanto madeiras de lei, como lenha e carvão vegetal. Muitas vêzes o objetivo da derrubada é o de sanear, como no caso dos vales do Tietê e Feio.

A derrubada é uma paisagem típica da zona pioneira, estendendo-se numa faixa do sul do país ao noroeste de Goiás. Porém, conforme os objetivos visados, a derrubada varia muito. Na faixa pioneira ela é extensa, deixando marcas profundas. A mata dos topos, dos vales, das encostas, será ou não conservada, segundo a cultura que se deseja fazer. Um exemplo muito interessante é da zona de Cornélio Procopio, onde o cultivo de café determina a derrubada das matas da encosta e dos espigões. Em outros lugares começa-se o corte pelos fundos dos vales, aproveitando a maior umidade para o cultivo de legumes e criação. Verifica-se isso nos lotes de Londrina, não dedicados ao cultivo do café. Estende-se depois a derrubada a tôda a propriedade, preservando-se apenas 10 a 20%, conforme a exigência local.

Quando as serrarias são distantes e o transporte difícil, queimam-se os troncos abatidos, prática já usada pelo índios. Em outros casos, enquanto se espera o transporte, os troncos atravancam as clareiras ou são empilhados à beira da floresta ou nas margens das estradas. Alguns colonos começam até a plantar cebola e legumes em volta das árvores abatidas.

Nas florestas e capoeiras poupadas pelo avanço dos pioneiros, verificam-se, também, pequenas derrubadas para retirada de lenha ou fabricação do carvão vegetal, observando-se, então, pilhas de achas ou "balões", mais freqüentes nas proximidades de centros urbanos e estradas de ferro.

Assim, apesar da derrubada ser um dos aspectos típicos da faixa pioneira, ela é registrada em zonas atrás e além desta faixa. Na retaguarda com mais freqüência, pois não poucos os caboclos e colonos que se aventuram na vanguarda, abrindo pequenas clareiras antes do avanço conjunto com a estrada de ferro.

A derrubada está muito ligada a um tipo da zona pioneira, o desbravador, que sempre está adiante da estrada, abrindo novos horizontes para a civilização que avança, mas nunca sendo absorvido por ela. Um exemplo interessante de derrubada em zona da retaguarda da faixa pioneira, é a realizada nas matas do sudeste da Bahia, bem na região do litoral.

Apesar de haver derrubada sistemática com o avanço do povoamento para o interior, em certos lugares a mata foi preservada nas encostas da serra do Mar e nas margens dos grandes rios, como Contas, Jequitinhonha, Doce, onde a floresta úmida, densa e insalubre, dificulta o estabelecimento humano.

Atualmente se estabelece nestes vales, embora próximos do litoral, uma verdadeira zona pioneira, com a exploração dos produtos da floresta e aproveitamento das ótimas condições do solo e umidade para o cultivo do cacau. Assim no vale do rio Doce, as necessidades recentes da indústria siderúrgica mineira motivaram derrubada para a fabricação do carvão vegetal.

O desenvolvimento da produção cacauera no sudeste da Bahia, foi elemento decisivo na ocupação destas florestas. Neste caso, no entanto, a derrubada não prejudica as reservas florestais, restringindo-se o corte às lianas e pequenas árvores — o cabrocamento — pois felizmente o cacau exige sombra.

Essas derrubadas já praticadas pelos índios, aceleradas pelo europeu na ânsia de conquista das novas terras e grandes lucros, destruíram até o momento presente grandes extensões de nossas florestas.

O pau-brasil, a cana, o café, contribuíram para o grande recuo em rumo ao hinterland. Não só isso, se êsse recuo fôsse compensado pelo estabelecimento efetivo de população, seria vantajosa a substituição de florestas por culturas e campos de criação, mas não a população que avança e deixa para trás regiões de solo esgotado, onde as florestas foram completamente arrasadas.

A derrubada não dirigida é um perigo para os solos, o regime dos rios e as fontes. A estiagem nos Estados mais devastados como Bahia, M.nas Gerais e Rio de Janeiro, está se acentuando assustadoramente, e aqueles que derrubaram, cultivaram e deixaram para trás zonas hoje decadentes, são os mesmos que hoje derrubam as matas na faixa pioneira.

A derrubada reflete muito bem o espírito de nossa agricultura não permanente, migratória, quase exclusivamente de especulação. Enquanto a mata não desaparecer do Brasil, êsse espírito predominará. O Estado de São Paulo tem uma porcentagem de floresta menor do que países densamente povoados da Europa.

A derrubada quando bem dirigida, sendo a madeira aproveitada, havendo um reflorestamento correspondente e um equivalente tratamento do solo, não é prejudicial, mas como foi e ainda é realizada no Brasil, é de consequências nefastas, sendo ainda mais nocivo o aproveitamento de nossas matas, sem escolha das espécies, para lenha e carvão vegetal. A floresta pode e deve ter grande papel no desenvolvimento de nossas indústrias e agricultura, não deve ser tratada como um empecilho ao avanço da zona pioneira.

Em resumo, a derrubada é um elemento comum na paisagem brasileira, numa superposição de passado, presente e futuro. Regiões desnudas e esgotadas, cobertas por pastagens pobres, que mal servem ao sustento de algumas cabeças de gado, ou culturas decadentes; outras onde restam matas para derrubar, mas cujas culturas já não dão o lucro dos primeiros tempos e finalmente zonas pioneiras, onde os focos se erguem solitários no meio de plantações ainda novas.

REGINA PINHEIRO GUIMARÃES ESPÍNDOLA SCHAEFFER



PERCY LAURENCE  
1868